

Senado deve centralizar os debates no Congresso

**MANOEL VILELA DE
MAGALHÃES**
Da sucursal de BRASÍLIA

O grande cenário dos debates políticos, a partir do próximo ano, no começo do governo João Baptista Figueiredo, continuará sendo o Plenário do Senado, onde a Arena será obrigada a enfrentar uma bancada oposicionista bem mais agressiva, comparada com a da legislatura agora encerrada. Praticamente dividido em duas sublegendas, uma da Arena propriamente dita e outra formada pelos biônicos, o partido governista perdeu também alguns de seus mais expressivos valores, como Gustavo Capanema, Magalhães Pinto, José Lindoso, Ruy Santos e Daniel Krieger, líderes naturais com grande poder de influência na bancada. O MDB, ao contrário, vai-se apresentar reforçado com a eleição, em 15 de novembro, de cinco ou seis nomes para a sua "linha de frente".

Quem se dá ao trabalho de analisar o novo Senado, coloca, desde logo, como das mais difíceis a tarefa da futura liderança arenista e aí a escolha de Jarbas Passarinho para sucessor de Eurico Rezende é aceita como correta e talvez única opção dentro da bancada da maioria. Passarinho é habilidoso, bem informado e tem larga experiência em Plenário, sobretudo nos pronunciamentos de improvisos e nos debates. Mas, o senador paraense tem "estopim curto", como notam alguns observadores, e por isso "explode" com facilidade nas discussões mais simples.

A atuação oposicionista dentro do Parlamento é normalmente uma tarefa mais fácil, quando se faz o confronto com a dos representantes governistas. No caso do Senado que se vai instalar em 1979, o MDB reúne alguns trunfos adicionais representados pelos novos nomes eleitos em novembro. Paulo Brossard, líder do partido, vai poder contar com eficientes satélites em torno de sua missão, alguns eleitos em 74 — Roberto Saturnino, Itamar Franco, Marcos Freire, Gilvan Rocha, Franco Montoro e Orestes Quércia — e os novos senadores Pedro Simon (RS), Tancredo Neves (MG), José Richa (PR), Jaison Barreto (SC) e Henrique Santillo (GO). O futuro líder da Arena, Jarbas Passarinho, ao contrário será obrigado a liderar quase sozinho. Para começar, a Arena perdeu o seu vice-líder para assuntos econô-

micos, Virgílio Távora, convocado para o governo do Ceará. Entre os novos senadores arenistas, eleitos pelo voto direto, o melhor parece o cearense José Lins, um professor universitário com boa bagagem, mas sem experiência de debates. Entre os que ficaram, os eleitos em 74, há indiscutivelmente bons valores arenistas, mas será, por exemplo, que Passarinho vai poder contar com a ajuda de Teotônio Vilela? Os outros, como Mendes Canalle, Henrique la Rocque e Luiz Cavalcante, são nomes de prestígio, com atuação restrita às comissões técnicas e pouco indicados para o Plenário. Petrônio Portella e José Sarney, eficientes nos debates, talvez não possam ajudar o partido em Plenário caso se confirmem as especulações em torno de seus nomes para o Ministério de Figueiredo.

Mesmo sendo herdeiro desse quadro pouco animador, Passarinho poderá conferir elevação ao espinhoso cargo de líder do governo no Senado. Suas recentes declarações deixam bem clara essa previsão, notadamente quando o senador paraense defende um ajustamento entre o governo e o partido que lhe dá sustentação no Congresso ("A Arena tem que ser governo e o governo tem que ser Arena"). Nisso Passarinho é bem diferente do atual líder, Eurico Rezende. Na sua atuação, o futuro governante do Espírito Santo optou pela linha sofista no debate sustentado com as lideranças oposicionistas. Ao lado disso, foi mestre no emprego de frases de efeito, que acabavam surradas pelo uso continuado. "Até onde o vento encosta a folha seca, a verdade única é a de que a Arena, sendo maioria, representa o povo brasileiro" — eis aí uma expressão a que jamais recorreria Jarbas Passarinho, mas que, para Rezende, se tornou lugar comum.

Valendo-se desses recursos retóricos, Rezende conseguiu sempre desincumbir-se de seu cargo de líder governista, numa prática vista pelo MDB como pouca elevada, mas que sempre deu certo, para sorte do Congresso Nacional, em sua notória fragilidade.

A linha de Jarbas Passarinho será outra, ninguém duvida, restando saber até onde irá o seu poder de convencimento ou de convivência com o verdadeiro "rolo compressor" oposicionista, a partir de 1º de março de 1979. A única certeza, resultante desse confronto, será um plenário tenso, marcado por áspersos debates, sem que se possa prever o saldo de tudo isso.